

Título - Transdisciplinaridade e
mutação de consciência

autor - Carlos Henrique
do Carmo Silva

1

TRANSDISCIPLINARIDADE E MUTAÇÃO DE CONSCIÊNCIA

“(…) Sachez que nous nous inclinons
vers un jour dont l'aube est brodée par le cache.
(…) Nous cherchons le spectre de l'espérance
Vous avez parcouru la terre et ses extrêmes,
mais nous, nous dépassons un espace pour entrer dans un autre ”

(Khalil GIBRAN, in: “Splendeurs et curiosités”,
in: *Oeuvres Complètes*, t.I)

Introdução

Pretender-se-ia que a presente comunicação fosse menos tomada segundo a comum disciplina reflexiva e antes como uma meditação numa certa atitude de intenção consciente. Menos uma prova do saber e da cultura científica do mesmo, do que de uma atitude filo-sófica, não tanto como diria Merleau-Ponty, naquele sentido da consciência como uma abertura ao mundo, mas como *mundo de uma certa abertura*, na interrogação do novo, do ainda não dito nem pensado.

É assim um começo muitíssimo frágil e quase insignificante. Porém, longe da voragem das muitas linguagens dos outros em mim, das fantasmagorias da noite que acaba, é começo ainda de uma aurora que hesita mas adensa em presença consciente, como um acordar. Palavras lembradas que/sabem de cor, indicativos para uma compreensão que as transcende e que, na presença que é força e testemunho, chama ao essencial.

1. Transdisciplinaridade e ambiguidade de pensamento

Transdisciplinaridade: grande palavra e no entanto ainda magra de significação, sobretudo confrontada negativamente e acabando por assinalar o âmbito das exigências científicas e culturais de uma nova visão complexa e holística que transcende as especialidades comuns ou a mera interdisciplinaridade. Para além desta razão epistemológica existe aqui o acervo de um sentimento artístico de uma transformação global, não apenas social e ecológica, mas que procura, mais do que a eficácia do sentido de uma tecnocracia desmembrante, uma verdade vivenciável e libertadora.

Porém, não nos interessa aqui discutir a definição de transdisciplinaridade quando esta mesma palavra não é nome que traduza uma ideia definível. Praticar a transgressão do definido e reduzi-la ao significado da linguagem usual seria um jogo redutor, perdendo de vista a qualidade verbal, o carácter transitivo desta transdisciplinaridade. Contudo, este mesmo paradoxo de pretender dizer o que excede a

Transdisciplinaridade

disciplina na disciplina do mesmo, é particularmente revelador. Fixa um primeiro modelo de pensamento binário que caracteriza milenariamente uma base lógica da dialéctica do mesmo e do outro, sempre referida ao domínio da continuidade e da prevalência da mesmidade.

O pensamento compara, mede e mente nessa assimilação do complexo ao simples, ou do simples ao complexo, fazendo do acto do conhecimento uma tradução elementar nas suas unidades básicas, como se em átomos componíveis (e decomponíveis) de uma forçosa inteligibilidade. Desde Aristóteles, com a estruturação imagética da proposição-juízo, até ao racionalismo pós-cartesiano, ou mesmo à nova epistemologia de Bachelard, o que está sempre suposto é este pensamento como um *jogo* racional, como uma arquitectónica auto-sustentada, mesmo que como um sistema onde haja espaço para as ambiguidades, indeterminações e transgressões, como o da transdisciplinaridade.

Milenariamente apolíneo, longe da vida e da tangência do real, o espectáculo do pensamento limita-se a saber sem poder, ou a desenvolver poderes sempre exteriores.

É por isso que no âmbito do *ludus* lógico, é inútil tagarelar sobre a transdisciplinaridade constituindo-a, quiçá, como mais uma moda na decadência pós-modernista do *pensiero debole*.

A ciência e a cultura, contagiadas pela linguagem vulgar no que ela traduz, não tanto a normal integração no mundo, mas as metáforas do medo ou da violência perante o desconhecido, procuram resolver no seu plano próprio através das suas significações exteriores o que no fundo é o íntimo assomo de uma outra inteligência. A transdisciplinaridade neste contexto será um alargamento cultural interessante, uma segurança acrescida pelas multirrespostas, mas, sem aquela mudança, o sujeito será apenas a personalidade tradicional e disciplinar impreparada para essa experiência onto-psicológica do diferente.

A transdisciplinaridade da cultura e da ciência pode ser apenas a utopia de um novo renascimento, o fascínio por uma luz de um novo esquecimento de si, de uma nova ausência do humano.

A falha do essencial é realmente um esquecimento, inclusive da origem do pensamento, sempre ligada a uma realização da consciência originária, a um sopesar o que se sente num acto noético incindível. Não é aqui ocasião para desenvolver este ponto, mas bastará remeter o pensamento aos elementos como as mais pequenas partes que conservem certas qualidades, verdadeiros paradigmas de tudo o que vier a ser pensado como coisa, sistema inteligível, etc.. Na base está isso, a qualidade de ser tal, esses êxtases físicos delimitados pela sensação e cuja constatação exigente não a deriva segundo a análise e a síntese, mas, como sugeriria S.Lupasco, é uma mudança de escala no próprio pensamento, uma microanálise que mostre as sincronidades mínimas do sim e do não nessas tangências reais do pensar, que não tanto de um pensamento sobre a realidade.

Longe do que poderíamos chamar o *principio de composição* (ou de decomposição) dos elementos mentais de uma reflexão sobre a transdisciplinaridade, para que tal transdisciplinaridade envolva um sentido criativo importa considerar uma mudança de perspectiva e de quem nela disso toma consciência.

2. Transdisciplinaridade e diferenciação.

Tudo se pode equacionar do seguinte modo: não perspectivar da mesma maneira dois mundos diferentes, mas perspectivar de maneira diferente ainda que o mesmo mundo. Entre o âmbito da disciplinaridade e o da transdisciplinaridade não pode haver aquela homogeneização ambigua por um mesmo olhar. Outrossim, há que reconhecer que a transdisciplinaridade diz desde logo o carácter de uma transcendência incita na própria disciplinaridade.

Ousar tal diferença supõe uma superação regressiva da lógica do pensamento no que melhor se diria por conhecimento na génese de uma diferença consciente, de uma intencionalidade dúplice e originária. Mas, para que assim conteça é necessário perceber como a emoção, e sobretudo aquela sensação esquecida na base de um outro possível pensar, produz fenómenos de dilatação e retraimento, criando rupturas paradoxais, fissuras por onde se deixa entrever o diferente. Ao mundo bem cerzido, repetido como “mito de Penélope” na monotonia inconsciente do sono em que dormimos na linguagem da disciplina habitual, esse assomo de conhecimento é antes de mais a *consciência de uma falta*, de uma *falta de consciência*.

O que parece mais significativo neste processo do entremeio que se começa a reconhecer, ainda não, ou já não, pensando, vai depois ser recuperado pelas medidas da mente por um processo justificativo causal de pensamento condicionado segundo a moral científica e a disciplina comum da ciência antropocêntrica. Aquelas fissuras, aquela fragilidade, ficam esquecidas e a sua recuperação transdisciplinar tem de ser feita tendo em conta uma outra lógica englobante, não a da identidade nem a da contradição, mas a de uma *coincidentia oppositorum* sem derivação dialéctica.

Encontramo-nos perante o momento gnóstico por excelência, dado que a mudança que se assinalava por um heterogéneo de um ‘sentir outro’ em relação ao pensar, ou de um ‘querer outro’ em relação à razão, aqui se reduz a uma mudança de intensidade que adensa do finito pensável a um pensável infinito que não infinitamente.

Porém, se esta chave gnóstica pode servir para a transdisciplinaridade na sua novidade, na sua mudança de escala, na sua abertura ao novo, por outro lado, delimita segundo o valor tradicional e imutável da *disciplina* justamente o aprendizado de que esse conhecimento surge no *entre dois*, como sempre um terceiro.

Se se quisesse chamar a este princípio diádico-triádico o da *diferenciação* com toda a sua fecundidade criativa e, por outro lado, conservadora, ver-se-ia na transdisciplinaridade não apenas a abertura, mas também o círculo *quase perfeito* de uma inteligência divinamente fecunda.

3. Transdisciplinaridade e indeterminação.

A transdisciplinaridade é o anónimo; a metáfora excessiva daquela divina pretensão da inteligência holística, não apenas o saber geral síntese do particular, nem sequer o saber universal totalizante em cada um, mas uma espécie de comunicação de mónadas em que ‘tudo está em tudo’, como se tudo se dissolvesse em caótica alquimia do todo.

Não se trata aqui da indeterminação de Heisenberg ou dos seus comentários ulteriores, mas de fazer alusão às doutrinas do caos, do acaso, do indeterminado cuja fecundidade tem sido salientada. O nome do caos não é aqui uma feliz apelação e, pelo contrário, pode induzir o âmbito da transdisciplinaridade a confundir-se com o das extensões diluentes do mesmo numa doutrina do *continuum* ou que encare continuamente o próprio descontínuo.

No entanto, o próprio risco de uma real indeterminação do transdisciplinar é sintoma e sinal de uma transcendência que se não deixa absolutamente pensar nem totalmente conhecer. É o *outro*, não tanto caótico, mas *polifêmico* e de muitos rostos que assalta no caminho. É este inversivo especular de um indiferente na diferença, de uma emoção que pasma o pensamento em êxtase, ou que mostra sobretudo o impensado.

É o ensinamento da falta, do próprio esquecimento, movimento de um arrepender-se consciente como *metanoia*, implicando não apenas a subida gnóstica àquela lúcida transdisciplinaridade, mas a descida, dir-se-ia ao inferno, em que o próprio drama se esquece em dor e a dor se petrifica no outro. A alienação, com toda a sua força conversiva de consciência infeliz, à maneira hegeliana, encontra, outrossim, na transdisciplinaridade um processo menos autocrático do que de nova interdependência entre sujeito e objecto. O que está em causa não é um *Eu penso*, mas um *sinto-me diferentemente*, envolvendo uma diferente reflexão da transdisciplinaridade.

É uma mudança tão surpreendente que é como se “as coisas me pensassem”, “os objectos me construissem” (não apenas na referência ao princípio antrópico), como se a consciência refluísse do outro sobre mim e me fizesse cosinomorficamente participante de uma transcendência que é sempre, no seu holístico, *mysterium tremendum et fascinans*.

A indeterminação, a inexperiência do limite, faz com que irrompa nesse estado alterado de consciência uma outra metodologia transdisciplinar que envolve muitos graus de ser e correspondentes níveis de consciência. E nessa perspectiva alterada já se não pode falar de momentos, objectos mentais, nem de sucessões que ainda equacionem a diferença pelo tempo: aqui é a sincronicidade do diferente em que tudo tem de ser perspectivado, como se se dissesse que a transcendência é de si mesma transcendente, e o que fica referível é sempre, como diria na mística S. João da Cruz, um “não sei quê” que fica por dizer, por entender e que, sobretudo, “se entende que não se entende”.

Em contraste com os êxtases do pensamento, com a história das acções e das pretensões da transdisciplinaridade como projecto cultural e da personalidade humana, o irreduzível e o indizível desse outro é já índice de um pensar na passiva, de um consentimento, de uma certa qualidade diferencial, de um certo gosto que é ante-sabor de um mais fundo acordo com o essencial para o homem.

4. Transdisciplinaridade e harmonização.

Este novo plano de exigências geradas pela experiência passiva de uma evidência ou, mais propriamente, pelo *estar activamente passivo* de uma compreensão, transcende já não apenas o plano do pensamento e do conhecimento, mas o da própria determinação da consciência. É o reconhecimento de que o transdisciplinar se mantém como relação dialógica e, no fundo, disciplina. Não como a polémica na igualdade de dois, na equipolência mas, qual separação dos sexos, na magnética diferença que dá à transdisciplinaridade aquela qualidade e aquele sentimento de qual *drama em gente*, como diria Fernando Pessoa. Não é apenas um sentir tudo de todas as maneiras, não é sobretudo um somatório, mas aquela uniidade da *durée* harmónica nas correspondências do que aparece diferente. Trata-se de estar atento ao que chamamos *estruturas neutras* e que ainda não têm nome e são os elementos primitivos de que o fogo da consciência é constituído. Não apenas a luz de uma evidência, mas também o calor do amor e de um entusiasmo. Esse novo alinhamento de sentido, não apenas por um querer diversamente significar, mas por uma lúcida confiança nesse outro, qual dinamismo da fé e das *soit-disant* virtudes sobrenaturais infusas - o que se dá é uma synergie para uma real mutação de consciência.

Encontramo-nos aqui perante uma real dificuldade - a de continuar dizendo, e dizendo na linguagem comum, aquilo que suporia para tal harmonização uma *nova linguagem*: não bastam as palavras nem somente os números ou a música dos afectos, dos signos e dos gestos. Só uma nova ciência dos símbolos com a sua força de transcendência estaria adequada a esta transdisciplinaridade da mutação de consciência.

Assim como na vida religiosa não se exige apenas aos clérigos que estudem teologia mas que sejam homens de experiência orante e que busquem a santidade, assim também aos novos cientistas não se pediria apenas a competência disciplinar, mas que fossem procuradores da verdade e homens de sabedoria. Nessa nova academia da transdisciplinaridade à porta da qual se poderia ainda recordar o lema platónico: "Não entres aqui se não és geômetra", importa reconhecer que o que está em causa é sobretudo a arte de realizar uma inteligência. Não a arte prevertida em *Scientia*, mas a consciência daquela como *tekhnê*, não havendo tanto um sistema do saber, quanto uma espécie de medicina de alma em que todos os estratagemas, todos os indicativos da linguagem mais não são do que analogias, do que se faz na realização consciente de alguém. Curiosamente este sentido da transdisciplinaridade está de acordo com a lição simbólica da disciplina adentro na tradição.

No fundo, este problema das mediações da transdisciplinaridade, linguísticas ou não, naquela arte de fazer ser é questão do concurso daquela via líquida, daquele elemento plástico em que a emoção e o imaginário concedem uma especial energia ao conhecimento. Porém, se esta é ainda uma abordagem tradicional da transdisciplinaridade e aquela que a equaciona, dir-se-ia na quadratura esfíngica do saber humano, do ardor da busca da solução do seu enigma, acrescentando sempre mais uma dimensão à tridimensionalidade do comum da psicologia, por outro lado, atender ao que na experiência transdisciplinar é justamente aquele outro implica como que a consciência *ex abrupto*, imediata, o acto volitivo instantâneo que abrevia todas as razões, todas as experiências emocionais, já não *dynamis* nem *énérgeia*, mas *enteléquia* ou *opus*.

5. Transdisciplinaridade e absolutização.

O que transcende as várias disciplinas não tende para a síntese unitária, nem para a multiplicidade perpétua, nem sequer para algo que não seja isto nem aquilo, ou que seja conjuntamente a harmonia disto com aquilo. Cumprida a exaustão de toda a transdisciplinaridade pode compreender-se, porque disso se trata, o *princípio de absolutização* ou de *absolvência* que ela envolve. É falsa, à luz desta mutação de consciência, a barroca sedução pela complexidade, como também é falsa a fecundidade criativa do imaginário, sempre determinado pelo preconceito da sensação, ou por essa adjectividade afectiva de uma tangência inteligível. Na absolutização transdisciplinar há apenas uma visão simples porque sempre exclusiva e solitária. Trata-se da própria realização do ser sem adjectivação, como o que está para além das disciplinas, transdisciplinaridade que assim se perde como tal e se ganha em 'sabor-saber' de si próprio. É o abrupto da cegueira-visão platónica, é a consciência finita e infinita de si próprio (*tô autô*) em Parménides, ou é essa lembrança de uma transcendência refluente sobre mim como *atma*... Para este *ver*, que é menos uma intuição sensível do que uma perfeita inteligência sem discursividade pensante, importa sobretudo a ascensão a que a transdisciplinaridade pode conduzir. Não a proliferação dos discursos, das filosofias, das literaturas, mas esse simples cada vez sempre novo, sem a usura do tempo, sem a repetição diabólica das máscaras do mundo e em que, outrossim, o homem se torna a infância de uma sabedoria como realza e realidade de uma outra consciência.

A transdisciplinaridade envolve neste sentido, não uma atitude religiosa mas o que na transcendência das religiões exprime a passagem das dimensões sensoriais, emocionais e mentais, para as do reino do espírito, ou da iluminação búdica: *paragatê*... como diz o *Sûtra do Coração*.

Contrariando o enciclopedismo e a fragmentação dos saberes, a transdisciplinaridade é um indicativo de uma convergência ao essencial que deve menos ser encarada como um absoluto teórico, do que como uma absolvição da sua prática no retorno à evidência. Não transformar o mundo ou o homem, mas uma metamorfose da metamorfose no pluridimensional da inteligência espiritual.

Conclusão.

Os indicativos que aqui deixámos são sobretudo sinais de uma exigência que deste mesmo modo não se pode cumprir. É certo que na progressão dos vários pontos de vista se ensaiou uma certa linguagem hierárquica de complexidade e diferenciação crescentes, até à pura e absoluta mutação de consciência. Todavia, o que aqui importa deixar como uma interrogação prática é o plano de uma certa cumplicidade, melhor dizendo, compreensão, entre os que assim se sentem interpelados por esta excedência do âmbito disciplinar do saber. Seja sobretudo um sentimento de falta, a inquietude de uma ignorância, o ensino de uma interrogação que haja de ensaiar uma nova

realização transdisciplinar, não apenas da cultura, mas da própria vida. É certo que para tal ainda aqui haveremos de pensar e de falar, embora no fundo tudo isto seja inútil quando não atentos a um certo gosto, uma certa atitude que intuitivamente perpassa.

É a lei antiga e a sempre nova constatação de que, para se fazer algo exteriormente, se terá de descobrir um ponto de apoio interno, qual 'alavanca de Arquimedes' para levantar o mundo: a transdisciplinaridade é uma *lição de vontade* e desse *ponto de apoio* que, para o homem, advém desde os alvores desde os alvores da sua consciência grega quando o homem sente a transdisciplinaridade do génio em si. Como disse Heraclito de Éfeso: «*Êthos anthrôpo dàimon estin*».

Carlos Henrique do Carmo Silva